

# **PRÁTICA EDUCATIVA CONTEMPORÂNEA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM EM MOVIMENTO COMO RECURSO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO**

**Rio de Janeiro – RJ – Maio 2012**

Danielle Vilar Goulart dos Santos - Universidade Estácio de Sá -  
danielle.santos@estacio.br

Samantha Aparecida Moura Martins Vieira - Universidade Estácio de Sá -  
samantha.vieira@estacio.br

**Categoria: 1**

**Setor educacional: 1**

**Classificação das áreas de pesquisa em EAD  
Macro: B / Meso: I / Micro: N**

**Natureza do trabalho: C**

**Classe: 1**

## **RESUMO**

*O Século XX assistiu a um vertiginoso desenvolvimento científico-tecnológico que tem imposto à sociedade, e em particular à escola, uma transformação radical. Saberes que anteriormente eram veiculados exclusivamente através de livros e pela escola formal passaram a ser disseminados por outros espaços como a mídia, sendo que esta abrange veículos e linguagens diversas, que nos tem seduzido pelo uso, por exemplo, dos recursos audiovisuais. Hoje em dia, o processo de comunicação está instrumentalizado pelas diversas formas de tecnologia, o que trás para a educação um grande desafio: acompanhar a evolução tecnológica para se efetivar como processo de formação. Seja como for, o primeiro objetivo da expressão (escrita ou visual) é fazer-se entender. Mas somente quando se toma consciência da complexidade da linguagem visual, passa-se a reconhecer e a valorizar a sua riqueza, no qual o significado de uma imagem, ou mensagem visual, não pode ser único e esgotável, pois através de uma mesma imagem podemos fazer diferentes interpretações e colher informações de diversos âmbitos. Logo, é consequência natural que os próprios educadores tenham uma nova postura e acompanhem tais mudanças e transformações a fim de estarem sempre aptos e integrados para melhor satisfazer as necessidades de aprendizagem de seus educandos.*

**Palavras-chave: sociedade; escola; imagem; comunicação.**

## 1- INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo de elaboração mental e subjetivo pelo qual certos conteúdos, crenças e convicções são modificados e cedem espaço para novas formas de se pensar o mundo. Essa transformação ocorre através da relação dialógica entre o educador e o educando, e que devemos considerar a “bagagem” trazida pelos educandos. Paulo Freire afirma que a *“leitura do mundo precede a leitura da palavra”*, com isto querendo dizer que a realidade vivida é a base para qualquer construção de conhecimento. Como então planejar um processo educativo sem identificar o que forma e informa nossos alunos, a fonte de seus gostos e entretenimento? Conhecer a bagagem cultural dos estudantes, entendendo a cultura de modo abrangente que aqui expomos, e a partir desse conhecimento poder, através da comunicação educativa, forjar uma cultura comum, interagindo com nossos alunos.

Mais recentemente, os avanços das novas tecnologias de comunicação e informação possibilitaram aos meios comunicacionais instaurarem a ideia de sociedade de rede em que as pessoas estão interligadas pelas redes telemáticas, o que abre a possibilidade de democratização do acesso à informação. Neste contexto, a palavra escrita, outrora detentora do poder único de informação, está sendo questionada neste poder de ser o *medium* privilegiado de transmissão de valores, de conteúdos e outros meios, como o audiovisual, estão sendo considerados como válidos para efetuarem também esta transmissão. A imagem, presente no audiovisual, neste processo tem sido valorizada.

As escolas ainda não conseguiram reconhecer e incorporar institucionalmente o valor destas novas linguagens, formas e meios para a construção do conhecimento do educando. A força dos meios de comunicação junto às sociedades modernas tem provocado uma série de alterações nos modos de os grupos humanos se relacionarem com a informação e com o conhecimento, porque eles atuam nas formas de ver e sentir a realidade, e neles há a presença marcante da imagem. Essas mudanças têm alcançado, de algum modo, o universo da escola e das ações desenvolvidas pela educação formal. Contudo, a imensa quantidade de códigos, imagens, ícones, símbolos, veiculados por estes meios não necessariamente escritos ainda não estão definitivamente incorporados pela instituição escolar e trabalhados pelos

professores. As linguagens institucionalmente não escolares, tais como as do rádio, da televisão, audiovisuais, vídeo-game e do computador possuem organização e lógica interna específica, e, talvez este seja um dos motivos que faz com que elas ainda não tenham tido o reconhecimento institucional da escola. Cabe então, à escola assumir uma abordagem pedagógica dos processos envolvidos nos meios de comunicação de massa, o que atualmente constitui um desafio para muitos educadores; ela deve abrir-se para a discussão sobre o impacto das mídias no cotidiano escolar, principalmente no momento em que

*Os estudantes, a todo o momento, estão próximos de estímulos visuais e auditivos, além de serem chamados a tomar decisões e fazer escolhas [...]. A escola - que educa - não pode ser indiferente aos rumos dessa modernidade, sob o grave risco de se dissociar de seu tempo e perder a razão de sua existência. (COUTINHO, 1995, p. 25).*

É necessário que a escola enfrente conscientemente os mecanismos que operam nos vários níveis da mídia para não formar (ou continuar formando) gerações cegas e passivas, pois, como afirma Morán (1995, p. 26):

*Na comunicação, as tecnologias não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. O professor transforma-se agora, no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. (...). Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética [...] o processo de ensino - aprendizagem ganha, assim, um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitada.*

Diante da atual realidade em que a tecnologia potencializa as capacidades humanas, torna-se necessário que os professores conheçam os meios audiovisuais e saibam utilizá-los pedagogicamente visando ampliar os horizontes dos alunos e tornar o processo educativo mais próximo da realidade social. Segundo Wilke et al. (2003), surgiu nas duas últimas décadas, a emergência de investigar a questão da imagem, por entendê-la como uma forma relevante de “ver e expressar o mundo”.

*Neste sentido, o texto fílmico, que engloba imagem + movimento + som, torna-se um documento informacional aberto a diferentes tipos de abordagem e que, conforme o enfoque adotado, pode nos levar ao conhecimento de uma determinada realidade (WILKE et al., 2003 p. 2).*

O texto-fílmico pode ser um recurso incentivador e, por prender a atenção, pode auxiliar a retenção da aprendizagem. Utilizado como recurso

pedagógico deixa de ser um fim em si mesmo e por isso, necessita de material de apoio adequado e da atuação correta do professor, para seu emprego em sala de aula.

## 2- HISTÓRICO SOBRE IMAGEM

Para que se possa discutir a relevância da imagem em movimento, focalizando o texto-fílmico dentro do ambiente escolar, faz-se necessário definir, primeiramente, imagem. Igualmente é importante correlacionar com a “teoria dos signos”, e analisar o objeto central desse estudo, que é a imagem em movimento.

## 3- O QUE É IMAGEM?

A imagem é definida como figura ou representação de uma coisa e, ainda, como a representação mental de algo percebido pelos sentidos. Esta palavra, derivada do latim, “*imago*: figura, sombra, imitação”, indica toda representação figurada e relacionada com o objeto representado por sua analogia ou por sua semelhança perceptiva: “Neste sentido pode considerar-se imagem qualquer imitação de um objeto, quer seja percebida através da vista ou de outros sentidos (imagens sonoras, táteis etc.)” (Biblioteca Salvat de Grandes Temas, 1979, p. 27).

Atualmente, quando falamos de uma *teoria da imagem* ou da *civilização da imagem* referimo-nos basicamente a qualquer representação visual que mantenha uma relação de semelhança com o objeto representado. Imagem é algo que se assemelha a outra coisa. A imagem pode ser concreta ou mental, e, em ambos os casos são definidos pela semelhança com o objeto representado. Hoje em dia, ao se referir à imagem, seria pouco provável que a mesma fosse relacionada ou definida como sendo um reflexo e, muito menos, como sombras (como em Platão). A definição de imagem estará mais relacionada à imagem da mídia, àquela que geralmente se tem como invasora e onipresente, tomada como sinônimo de televisão e publicidade (JOLY, 1996). Esta definição acaba desconsiderando as imagens fixas (fotografia, pintura etc.) para considerar prioritariamente as animadas, como as cinematográficas.

A conceituação do termo imagem está longe de ser algo simplório, uma vez que relaciona noções contrárias e ambivalentes, já na Antiguidade com

Platão e Aristóteles. Platão, ao conceber imagens como sombras e reflexos, acreditava que estas desviavam o homem da verdade, por seduzirem as partes mais fracas da alma, ao proporcionarem prazer. Ao contrário de Platão, Aristóteles concebia qualquer imagem como educativa, pois levava o homem ao conhecimento, sendo, portanto eficaz para a aprendizagem.

#### **4- A IMAGEM E SEU PROCESSO DE COMUNICAÇÃO**

A existência de imagens dá a entender a presença de elementos (forma, movimento e percepção humana) que só surgem quando há um sujeito receptor, que recebe a mensagem visual através da vista. Assim sendo, não pode existir imagem sem um processo de comunicação e, este processo se estabelece quando existe um sujeito emissor, uma mensagem, um meio de transmiti-la e um sujeito receptor.

Segundo Joly (1996), a visualização e a semelhança provocadas no receptor por imagens materiais (texto-fílmico, por exemplo), podem vir a ser concebidas, também, como algo prejudicial. Ao representar a realidade, as imagens provocam naquele que as vê, representações mentais que podem produzir significados. No processo da busca pela semelhança destas com o real, podem provocar ilegibilidade ou ainda confusão entre imagens e objetos. Sendo assim, quanto maior a semelhança entre a imagem e o objeto, menor é o caráter representativo da imagem e maior é a propensão da imagem em provocar no receptor o esquecimento de seu caráter representativo. Segundo Joly (1996, p. 77), isto leva à confusão ainda existente em se atribuir um caráter de verdade a coisas que, no entanto, não são verdadeiras, mas verossímeis. A ficção, por exemplo, não tem relação com o real, mas com o que a maioria acredita ser real. Isto é, a ficção sugere modelos aceitáveis, os quais nem sempre a realidade fornece (ligação sonho-filme). E, por isso, as imagens são consideradas como signos, uma vez que ao serem tratadas como representações do real e provocarem representações mentais no receptor, mas produz sentido a partir dela, e não somente naquele que a fabrica, pois, *“existe entre (fabricante e receptor), um mínimo de convenção sócio-cultural”* (JOLY, 1996, p. 40). Através das imagens as pessoas podem comunicar sentidos e interpretações diversas, o que dá a imagem uma característica de ser polissêmica. Os vários sentidos, significações e interpretações possibilitadas por uma imagem estão

relacionados diretamente à compreensão, a formulação e a reformulação de mensagens que alguém, em determinado tempo e espaço, quis comunicar. De acordo com Aristóteles, a imagem é educativa, possui função pedagógica, fornece informações ao homem e, como sublinha Gombrich (1971 *apud* JOLY, 1996, p. 60), proporciona a ele a visão e a interpretação do próprio mundo. No caso das imagens fílmicas, o produtor “capta” o real da forma como enxerga e o concebe, provocando no receptor uma reação que suscitará perguntas e respostas acerca do mundo. A imagem, pois, “*não se trata ‘da reprodução de uma experiência visual, mas da reconstrução de uma estrutura modelo’, que tomará a forma de representação mais bem adaptada aos objetivos que estabelecemos para nós [...]*” (GOMBRICH, 1971 *apud* JOLY, 1996, p. 60).

## 5- A LEITURA DO MUNDO

Atualmente é importante que o educador assuma um processo contínuo de reflexão, promovendo a criação permanente na educação. Nesse sentido as contribuições de Paulo Freire (1983) levam o educador à consciência de si enquanto ser histórico, educando-se num movimento dialético no mundo que o cerca. As “ideias freireanas” se articulam com os interesses na formação do educador, pois, não perde de vista o caráter histórico do homem associado sempre à prática social. Freire salienta que é preciso conhecer o mundo, é preciso transformá-lo. Conhecer em Freire não é um ato passivo do homem frente ao mundo, é antes de tudo conscientização, envolve intercomunicação e intersubjetividade, que pressupõem a educação dos homens entre si.

A prática não pode ater-se à leitura descontextualizada do mundo, ao contrário, associa o homem nessa busca consciente de ser, estar e agir no mundo num processo único e dinâmico, onde a prática dá sentido à teoria. Assim se expressa Freire “[...] a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1983, p. 40). Portanto, a função da prática é a de agir sobre o mundo para transformá-lo.

Paulo Freire parte sempre da análise do contexto da educação como um processo de humanização, ou seja, o caráter problematizador que se dá por meio do diálogo, tem base existencialista, visto que o diálogo “se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”

(FREIRE, 1983, p. 93). É fenomenológico, quando privilegia a palavra como objeto auxiliar do pensamento, e diz que, “não existe uma linguagem sem um pensar e ambos, linguagem e pensar, sem uma realidade a que se encontrem referidos” (FREIRE, 1983, p. 102). É político, na medida em que permite uma compreensão crítica da prática social na qual o homem está inserido, ou seja, conhecimento e transformação da realidade são exigências recíprocas.

## **6- LINGUAGEM**

De acordo com Gutierrez (1978) em “Linguagem Total”, a comunicação é um fato social, eminentemente humano, antes de ser processo técnico, apoiado no intercâmbio entre os indivíduos, sendo uma necessidade de toda a humanidade. A comunicação é composta de palavras, gestos, imagens, sons, por diversas linguagens e é baseada no diálogo. É bidirecional, nunca unidirecional, implicando em resposta e reversibilidade. Quando pensa no indivíduo entendido como receptor passivo, Gutierrez defende, com insistência, a necessidade de favorecer o senso crítico do estudante e aponta como caminho o uso das várias linguagens da comunicação, considerando que, pela multiplicidade de linguagens que empregue as diversas formas de comunicação, o estudante se torna ativo e produtor de conhecimentos, atingindo, conseqüentemente, a crítica de seu meio social e de seu tempo.

A análise de Gutierrez (1978) se prende à intensa presença dos meios de comunicação na vida e sua total ausência da escola, não examinando outras causas para a falta de crítica no indivíduo contemporâneo. Assim, este artigo procurou apoio em Baccega (1998), que aprecia o fenômeno a partir dos conceitos de “conhecimento” e “informação”. Ela vê os meios de comunicação como mediadores entre os indivíduos e o mundo, “costurando” as diferentes realidades, através da divulgação de informações. A visão proporcionada pelos meios é parcelada, as informações são fragmentos da realidade, gerando o fenômeno metonímico, onde “a parte escolhida para ser divulgada, para se conhecida, vale pelo todo. É como se o mundo todo fosse constituído apenas por fatos/notícias que chegam até nós” (BACCEGA, 1998, p. 23).

Enquanto a informação se baseia na fragmentação, o conhecimento se baseia no todo e na inter-relação das partes. A autora considera que “informação não é conhecimento”, assim a informação é um “passo importante”

no caminho para diminuir a criticidade. A informação, sendo uma parte, não conduz a uma visão ampla da realidade. Para que a informação se transforme em conhecimento é necessária a busca do que não está visível, através de reelaboração do que vem como um “dado” (informação) e que necessita de elaborações novas para revelar outras faces, advindas de outros pontos de vista e de exame mais minucioso.

Vale ressaltar que muitas vezes é proposital a troca de informação por conhecimento, exatamente para que não se atinja o conhecimento e, através dele, a crítica. O conhecimento é substituído pela informação para garantir a reprodução do atual sistema, uma vez que as formas de comunicação “editam o mundo, agendam temas”.

As linguagens apresentam componentes verbais e não verbais organizados de tal forma, que resultam em meios de Expressão e que propiciam a interação humana. A utilização dos dois tipos de linguagem pode produzir benefícios para o estudante. A linguagem verbal atua no plano racional, articulando o pensamento através da palavra, na comunicação linguística de ideias e de informações e na formalização do raciocínio através da palavra. Já a linguagem não-verbal favorece manifestações existenciais, por sua origem direta do processo mental, ligada a aspectos emocionais.

## **7- EM DEFESA DO USO DA IMAGEM NA EDUCAÇÃO**

Calado (1994) sustenta que a conquista do ato de ler imagens corresponde à descoberta de uma sintaxe complexa. O primeiro objetivo da expressão (escrita ou visual) é fazer-se entender. Somente quando se toma consciência da complexidade da linguagem visual, valorizamos a sua riqueza. O significado de uma imagem, ou mensagem visual, não pode ser único e esgotável, pois uma mesma imagem pode ter diferentes interpretações e trazer informações de diversos âmbitos, tais como: origem da imagem, contexto histórico e psicológico de seu criador, dentre outras.

O leitor da imagem é parte ativa na produção do sentido, ou seja, nem sempre o que o seu produtor quer passar é exatamente o percebido pelo leitor. Portanto, a comunicação e a educação através de imagens exigem um processo interativo. Quando uma imagem não se limita a reproduzir um objeto, ela apresenta diferentes significados.



Segundo Ferrés (*apud* SANCHO, 1998) num vídeo a imagem que se movimenta opera vibrando nossos sentidos e dessas emoções brotam as ideias. A imagem atravessa a sensibilidade excitando múltiplos estímulos visuais e auditivos. Assim, percebemos que a união entre a escrita e a imagem traz desafios à aprendizagem na sociedade atual; já que ao lermos textos criamos imagens próprias e elaboramos interpretações que julgamos como verdades. A imagem deve estar integrada a conceitos para que se possa acabar com a impressão de que ela é algo superficial, uma vez que nos meios de comunicação atuais há uma enxurrada de efeitos especiais, que muitas vezes só servem para “esconder” a falta de significação.

## **8- CONCLUSÃO**

Hoje em dia, o processo de comunicação está mediado pelas diversas formas de tecnologia, o que traz para a educação um grande desafio: acompanhar a evolução tecnológica para se efetivar como processo de formação. Estamos em um tempo no qual há um crescimento vertiginoso da educação à distância. A velocidade atual do avanço da tecnologia, quando é usada na educação, faz com que o aluno administre rapidamente um grande número de informações, tornando-o criador de mensagens com imagens ou audiovisuais.

Mas para que uma nova forma de Educação seja instaurada é preciso rever o papel do professor, do aluno e, principalmente, da tradicional forma de ensino na maioria das escolas. Cabe ao professor romper com a postura de autoridade e prender mais a sua atenção nas questões de percepção, de comunicação e de aprendizagem, como diz Calado (1994). Já ao aluno cabe estar atento à inovação, e disposto a refletir sobre uma forma de linguagem que sempre esteve ao seu redor (Silveira, 2001). O pode se complementar com materiais/recursos utilizados como imagens e aguçar a motivação desses dois sujeitos envolvidos no processo educativo.

Não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores. Desde o operário que precisa ler manuais até o advogado que precisa decifrar o “*legalês*”, até o estudante que enfrenta exames, o cidadão que enfrenta as urnas, a dona de casa que lida com a família, o executivo que enfrenta sua papelada, todos os membros de uma sociedade civilizada. A sociedade atual exige transformações

na área educacional, à medida que a globalização abriu novos caminhos, ampliou horizontes e precisa cada vez mais de um novo ser humano, crítico, participativo, “atenado” e preparado para as novas descobertas e avanços. Logo, é consequência natural que os próprios professores tenham uma nova postura e acompanhem tais mudanças.

## REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **A História no campo da Comunicação/Educação**. Revista Comunicação e Educação, São Paulo: Editora Moderna, n. 10, 1998.
- BIBLIOTECA SALVAT DE GRANDES TEMAS. Teoria da Imagem. *In: A problemática do homem atual num conjunto estruturado, unitário e coerente*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.
- CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens**. Portugal: Porto, 1994.
- FARIA, Glauco; SOARES, Nicolau. Paulo Freire: a lógica do encantamento. *In: Revista Fórum*. Disponível em [http://lainsignia.org/2003/julio/cul\\_016.htm](http://lainsignia.org/2003/julio/cul_016.htm). Acesso em: Julho de 2005.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de ler: em três artigos que se completam**. 39ª ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 4ª ed. São Paulo: Papyrus, 1996.
- LEANDRO, Anita. **Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem: uso inadequado da imagem cinematográfica em atividades pedagógicas reforça estereótipo**. *Comunicação & Educação*, São Paulo: USP, n. 21, maio/ago. 2001.
- MORÁN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. Revista Comunicação e Educação, n.2, Editora Moderna, 1995.
- SILVEIRA, Edeval. Para uma Pedagogia da Imagem nas Ciências Sociais. *In: ECCOS Revista Científica* – v. 3, n. 2, p. 83–102. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, 2001..
- WILKE; Valéria Cristina Lopes; RIBEIRO, Leila Beatriz; OLIVEIRA, Carmem Irene Correia de. **O texto fílmico: construção de um modelo de análise e interpretação informacional**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro/DFCS/DPTD/CEAD. 2000-2003. (Relatório Final).